

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**O sonho
franciscano
de uma Igreja
ameríndia**



Lição 18

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**O sonho
Franciscano
de uma Igreja
Ameríndia**



Petrópolis 2001

Lição 18

© FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL
Rua Coronel Veiga, 1705 – CEP 25655-152
Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970
PETRÓPOLIS – RJ

Copyright do original alemão

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC,
em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Anton Rotzetter OFM^{Cap}, Maria Crucis Doka OSF,
Margarethe Mehren OSF, Patricia Hoffmann-Kayser,
Othmar Noggler OFM^{Cap}, Horst von der Bey OFM e
Andreas Müller OFM

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann
Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Frei Celso Márcio Teixeira

Diagramação, paginação e fotolitos

Domus Design Gráfico

VOZES IMPRIMIU





Texto das Fontes	4
Como Francisco aprendeu de outra cultura	
I. Introdução	5
II. Visão de Conjunto	7
III. Informação	8
1. Início de uma utopia	8
1.1. O encontro com o “outro”: uma ameaça	8
1.2. O encontro franciscano com os “outros”	9
1.3. Encontro de culturas	11
1.4. A utopia índio-franciscana: uma alternativa	13
1.5. Cristianização, em vez de hispanização	14
2. Influências teológicas e históricas	15
2.1. Origem da visão franciscana	15
2.2. Espírito do tempo e intolerância	16
2.3. Violência e Inquisição	17
3. Missão franciscana na América do séc. XVI: uma tentativa de inculturação?	20
3.1. Defesa da cultura dos povos subjugados	20
3.2. Um livro que é preciso decifrar	20
IV. Exercícios	22
V. Aplicações	27
VI. Bibliografia	38
VII. Legendas das Ilustrações	40



Novos “Fioretti”



Como Francisco foi arrebatado pelo Espírito de Deus no Machu Picchu

“No Brasil, circula o boato de que Francisco de Assis não morreu, mas vive em qualquer parte no Nordeste, escondido pelos franciscanos num esconderijo bem seguro. Portanto, não é tão estranho ele me aparecer em sonho. No dia anterior, eu estava em Lima, onde vi um eclipse solar, quando a lua parecia abraçar-se com o sol.

Agora, de noite, Francisco chegou perto de mim para me acompanhar através de vários países da América Latina. Em Machu Picchu, a antiga cidade dos Incas, no Peru, para meu grande espanto, apareceu à nossa frente no “Templo dos Ventos”, que é feito de uma sala apoiada sobre três paredes, mas cujo quarto lado está totalmente aberto aos ventos. Francisco se colocou no meio da ventania, arrebatado pelo Espírito Santo e começou a falar, cheio de ardor:

“Louvado seja o Senhor, por esta terra e estas pedras que continuam falando de uma cultura à qual me sinto profundamente irmanado. Vejam lá por perto, o “Templo do Sol”, onde ainda hoje se podem ouvir os gritos de seres humanos, clamando por calor e luz. E aqui, no “Templo dos Ventos”, estão percebendo como o vento sopra, como este sopra nos atravessa? Estão sentindo a inspiração divina, a força que move tudo? E lá embaixo, o “Templo do Fogo”, que esquenta as noites geladas e faz os homens aproximarem-se dele e entre si. Lá atrás ainda, o “Templo da Mãe Terra”, que nos sustenta e nutre. Sintam essa terra sagrada e juntem-se a mim no louvor ao Criador do céu e da terra, a Viracocha, como a chamam por aqui.

Sinto-me irmão dos Incas e de todos os povos deste continente meridional. Percebam como sol e lua se abraçam, como o vento e a água se amam, como o fogo e a terra formam um só par.

Eis o motivo, por que eu, Irmão Francisco, escolhi esta parte da Terra como minha segunda pátria terrestre.” (Anton Rotzetter)





celebração dos 500 anos de Evangelização das Américas suscita reações opostas

Tais reações têm sua raiz na pluralidade e diversidade das fontes. Muitas vezes, os fatos históricos, assim como foram relatados, já são contraditórios em si. Ao iniciar uma avaliação da presença franciscana no Novo Mundo, que já dura mais que 500 anos, precisa-se, portanto, de uma consciência histórica muito reta. Somente quando se tiver a certeza de dispor dos elemen-



tos mais significativos do panorama total, donde surgiram os acontecimentos, será possível uma avaliação justa.

Há muitos aspectos a levar em consideração, quando se analisa a atuação dos franciscanos na América. Na presente lição, será estudado sobretudo, como se realizaram e se desenvolveram as relações entre os primeiros frades e os indígenas que, de repente, se confrontaram entre si.

Por ocasião da celebração do jubileu em 1992, surgiram não somente perguntas sobre a maneira como funcionavam as missões na América. Tratava-se também de uma avaliação crítica da confrontação entre povos antigos e tradicionais, como, por exemplo, os aztecas, maias, quetchuas, aimaras, mapuche, guarani etc., inclusive suas religiões, e o choque com a cultura espanhola.

Parece particularmente válido e instrutivo para o movimento franciscano não se esquecer de certas tentativas missionárias menos conhecidas, empreendidas por nossos confrades no continente americano no decorrer do século XVI.

Neste contexto, é decisivo escolher se queremos observar a história a partir do ponto de vista dos vencedores ou dos vencidos. É muito diferente entender a história da conquista das Américas, quando se pertence ao grupo daqueles que chegaram de longe nos seus navios para ocupar estas terras, ou quando se faz parte dos povos que foram invadidos sem



compreender o que estava acontecendo com eles. Com certeza, sendo membros da família franciscana, vamos dar preferência à visão que tiveram os indígenas. É extremamente difícil, porém, reconstruir autenticamente o que aconteceu no passado, por causa das incalculáveis destruições que se seguiram.

Mesmo a opinião que os próprios indígenas tiveram dos franciscanos não é inequívoca. Um índio que, por desgraça, talvez foi torturado por um franciscano vai pensar sobre os frades de modo diferente do que um outro que aprendeu a ler e a escrever numa escola franciscana.

São conhecidos certos textos provenientes da cultura dos Nahua (= Aztecas) que falam com carinho de *"Totahtzin San Palacizco"* (= *"nosso paizinho São Francisco"*). De outro lado, também há textos que demonstram rejeição e incompreensão total por aqueles seres estranhos que vieram de longe.

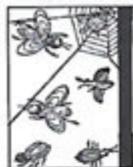
Em primeiro lugar, serão mencionadas certas características que marcaram o modo de agir dos franciscanos; mas também a maneira dos primitivos povos americanos de se apresentarem ao entrar em contato com os frades.

De início, a “utopia franciscana”, um dos assuntos da presente lição, foi bem recebida pelas culturas americanas autóctones. Isto fomentou nos franciscanos a esperança de ver surgirem uma cultura e Igreja alternativas, autenticamente índio-franciscanas.

Em segundo lugar, serão identificadas certas correntes teológicas que influenciaram a atitude dos primeiros missionários, como também as limitações dos seus projetos.

Finalmente, não se pode deixar de mencionar os aspectos contraditórios da evangelização franciscana, assim como aconteceu no século XVI.





O encontro com o "outro": uma ameaça

Para os europeus, a descoberta do continente americano trouxe uma série de problemas graves. Em geral, procuravam a solução para tais problemas, recorrendo a modelos de pensamento teóricos e tradicionais. Quase sempre, os povos europeus, ao encontrarem outros povos, sentiam-se questionados na sua própria maneira de pensar e de viver. Isto os levava a um sentimento de insegurança, que os conquistadores europeus procuravam superar, rebaixando a cultura dos povos recém-descobertos.

Tal mecanismo de auto-defesa, motivado pelo medo diante de situações novas e desconhecidas, os fez sentirem-se como heróis que superaram uma prova. A depreciação muito fácil daquilo que sentiam como coisa heterogênea significava um fechamento contra os outros a nível cultural e religioso, nem chegando a travar relações com estes seres diferentes.

Quem age assim chega logicamente à conclusão: Se eu sou superior ao outro, então é ele que tem que mudar; é ele que tem que seguir o meu exemplo e atender ao que eu digo. Esse tipo de atitude não era exclusivo dos conquistadores espanhóis. Na antiguidade, gregos e romanos agiam da mesma maneira, pois, para eles, todos os outros povos eram "selvagens" e "bárbaros", muitas vezes descritos como seres assustadores e até monstruosos.

No século XVI, o teólogo espanhol Juan Gines de Sepúlveda era um representante típico dos que rejeitaram e rebaixaram os "outros". Em um dos seus livros, ensinava ser legítimo subjugar povos pagãos por serem inferiores. Era opinião dele que "os espanhóis dominam os bárbaros do Novo Mundo e das ilhas além-mar com plenos direitos. Pois, tais bárbaros são inferiores aos espanhóis na inteligência, virtude e humanidade, como crianças são inferiores a adultos, mulheres a homens, seres cruéis e brutos a pessoas bem educadas, seres selvagens a pessoas sóbrias e disciplinadas, finalmente gostaria de acrescentar: como macacos são inferiores a pessoas humanas" (Strosetzki 234).



É interessante notar que Sepúlveda menciona, como uma das provas da inferioridade dos indígenas, o fato de que eles não davam valor ao dinheiro, nem acumulavam tesouros. Em geral, não tinham uma noção clara do sentido da propriedade particular.

O encontro franciscano com os “outros”

1.2.

Com certeza, o encontro dos frades menores com os “bárbaros” era condicionado e limitado por categorias mentais tradicionais, que não foram inventadas nem pela Espanha nem pelo Cristianismo. Por este motivo, é legítimo relativizar a censura de “etnocentrismo”. Claro que, até um certo ponto, o etnocentrismo é natural e inevitável. É outra coisa, porém, quando se tenta impor aos outros, de modo violento e coercitivo, as próprias categorias culturais e religiosas.

É impressionante constatar como certos missionários franciscanos eram capazes de romper com aquela atitude. Essa ruptura faz parte essencial do carisma franciscano. Francisco e também Clara não queriam possuir nada; queriam ser peregrinos e estrangeiros no mundo. Essa atitude despojada capacitava os franciscanos a descobrirem nos “outros” certos valores que a maioria dos conquistadores espanhóis nunca chegaram a perceber.

De outro lado, porém, é preciso admitir que, com certeza, nenhum franciscano estava disposto a questionar ou rejeitar o fato da conquista em si. A maioria deles interpretava a conquista das Américas no seu tempo como uma obra de Deus. Dentro das categorias mentais deles, o demônio, na figura dos reformadores, tinha começado a seduzir as almas católicas na Europa, para que abandonassem a fidelidade ao Papado. Em conseqüência, os franciscanos pensavam encontrar um sinal especial da providência de Deus que lhes confiava o recém-descoberto continente como um novo campo de missão.

Portanto, a crítica profética de muitos franciscanos dirigia-se não contra a conquista em si, mas antes contra seus efeitos nefastos, causadores da escravidão dos indígenas, do trabalho forçado, dos impostos desmedidos e dos homicídios arbitrários.

É comprovado que os frades menores não eram capazes de repudiar por completo as convicções e critérios que faziam parte do comportamento cultural dos europeus. Em virtude, porém, de sua origem franciscana, conseguiam superar essa atitude de maneira considerável. Por exemplo, foram capazes de descobrir valores culturais (língua, teatro, escrita), que pareciam antivalores à sociedade européia em geral. Entretanto, não há dúvida de que os franciscanos combatiam a “idolatria” sem piedade e sem perdão, uma vez que consistia, em parte, no rito de sacrifícios humanos.

Sem dúvida, os frades não podiam nem queriam aprovar tais sacrifícios. Por pesquisas detalhadas, sabemos hoje que a quantidade de sacrifícios humanos, rejeitados com repugnância e horror pelos franciscanos, foi apresentada pelos historiadores com bastante exagero. O lema era: quanto mais cruel nos seus ritos e costumes a religião pagã for apresentada na Europa, tanto mais a própria religião cristã se sobressairia como um triunfo sobre a





barbaridade. Ao mesmo tempo, tornava-se mais fácil encobrir e ocultar certas atrocidades cometidas sob a bandeira cristã.

Faz parte essencial da espiritualidade franciscana abrir-se a culturas desconhecidas (cf. Lição 7). Essa atitude capacitava muitos frades menores a deixarem-se instruir, a verem-se a si mesmos como “pobres”, prontos a receber um enriquecimento dos “outros”. O franciscano

Jerônimo de Mendieta, cronista do século XVI, descreveu a chegada dos franciscanos, cerimoniosamente recebidos por Hernán Cortés e introduzidos por ele na capital mexicana. Nesta ocasião, Mendieta relata como um dos frades, Turíbio de Benavente, recebeu dos aztecas o apelido “Motolinea” (= o pobre):

“Eles (os doze franciscanos) esperavam o dia da feira, quando a maioria do povo daquela província costumava reunir-se para procurar mantimentos para suas famílias. Eles (os franciscanos) ficaram admirados ao ver um tão grande número de almas, como nunca antes tinham visto reunidos num só lugar. Deram louvor a Deus com grande júbilo, quando viam a rica colheita, espalhada diante de seus olhos. Uma vez que não eram capazes de falar, por desconhecerem a língua, apontaram para o alto, como fazem os mudos. Queriam dar a entender que o motivo de sua chegada era mostrar a esse povo os tesouros divinos e a glória celeste. Os indígenas foram seguindo os franciscanos, como crianças costumam fazer, quando vão atrás de pessoas que incitam a sua curiosidade.

O povo ficava admirado de ver os franciscanos usando hábitos tão esfarrapados, em grande contraste com o vestuário vistoso e elegante dos soldados espanhóis que tinham encontrado até então. Entre eles comentavam: ‘Que pobre gente são estes? Que roupa tão miserável estão usando? Não parecem com os cristãos que vieram da Espanha!’ E voltaram a repetir uma palavra de sua língua: ‘motolinea, motolinea’. Um dos padres, chamado Turíbio de Benavente, perguntou a um espanhol o que essa palavra queria dizer que eles repetiam tantas vezes. O espanhol respondeu: ‘Padre, motolinea quer dizer pobre.’ Então Turíbio replicou: ‘Que então seja esse o meu nome até o fim da vida!’ E de fato, a partir deste momento, nunca se chamou a si mesmo e nunca assinou de outro modo que como Frei Turíbio Motolinea” (Mendieta).

Existe uma segunda narrativa do mesmo episódio, desta vez a partir da visão dos indígenas. A comparação direta permite distinguir a diferença de percepção entre as duas maneiras de

ver. O relato é de Diego Muñoz de Camargo que descreve a chegada dos frades da seguinte maneira:

“Ao continuar a nossa narrativa, vamos falar da grande admiração que os indígenas manifestaram por ocasião da chegada dos religiosos, por causa da maneira como começaram a pregar o santo e venerável Evangelho de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Como os frades desconheciam a língua, apontaram com a mão para a terra para indicar que no inferno há fogo, sapos e cobras. Depois, levantavam os olhos para o alto e, também apontando com a



*La llegada de los Religiosos a las Indias de la orden del P. Fr. Juan de
Bautista de Anasco O.P. por el Rey Don Fernando el Católico Rey de
Castilla y de Aragón, el año de 1493. En la qual se ve como los
Indios se maravallan de verlos, y como ellos se maravillaron de
verlos.*

mão, disseram que no céu há um único Deus. Repetiam esta mensagem em todas as feiras e outros lugares onde havia aglomeração e reunião de gente. Para darem-se a entender pelos indígenas, não sabiam expressar-se de outro modo, a não ser por meio de sinais.

Enquanto (os franciscanos) falavam e pregavam essas coisas, um deles, um venerável velho, já careca, ficava ali de pé no sol do meio-dia e ensinava, cheio do espírito de Deus. Ardendo de amor ao próximo, falou em voz alta que o povo devia converter-se à meia-noite, abandonando a sua idolatria. Quando falava essas coisas, os senhores chefes deles diziam: ‘O que é que esses coitados estão querendo? Procurem saber se estão com fome; e, se for o caso, então dão-lhes a comer!’ Outros diziam: ‘Esses coitados certamente estão doentes ou malucos. Deixem-nos gritar à vontade, pois certamente são vítimas de uma ilusão. Deixem-nos em paz; que transmitam a sua doença como bem entendem. Não lhes façam mal, pois enquanto todos os outros se deleitam, esses coitados e os outros que sofrem desta mesma doença choram e se lamentam. Certamente é um grande mal que os acometeu, pois são homens que perderam o juízo, porque, em vez de procurar divertimento e contentamento, procuram tristeza e solidão!’ (Diego Muñoz Camargo).

Portanto, tudo aquilo que nos relatos biográficos dos franciscanos aparece como coisa louvável, suscitava nos indígenas uma reação de estranheza e incompreensão.

Encontro de culturas

1.3.

Pelos seus contatos pessoais, os missionários descobriram uma série de qualidades positivas nos povos indígenas. A vida perto da natureza, a falta de qualquer sentimento de ganância, a inclinação quase natural de partilhar com outros o pouco que se possuía, o



sentido de solidariedade, estas eram algumas das características que os franciscanos mais admiravam nos indígenas. Com certeza, os cronistas franciscanos exageravam nos seus relatos, idealizando esses traços. Pois, quanto mais romântica sobressaía a imagem do indígena, tanto mais repugnante ficava em comparação a impressão deixada pelo conquistador espanhol.



Ao confrontar o estilo de vida dos indígenas com o dos europeus, os frades chegaram à conclusão de que os índios estavam vivendo mais perto do ideal franciscano do que os cristãos educados no ambiente burguês da Espanha do século XVI. Isto suscitava nos frades a esperança de poderem fundar no Novo Mundo uma comunidade cristã segundo o modelo vivido pela Igreja primitiva de Jerusalém. Pensavam que, graças à providência divina, tinham recebido a oportunidade tão almejada de realizar um projeto de vida conforme o Evangelho. O seu entusiasmo era enorme. Isto é manifesto pelos comentários feitos pelos cronistas mais conhecidos da Ordem (Motolinea, Jerônimo de Mendieta), ao insistirem na “bondade natural” dos índios.

Quando o seu ideal utópico foi atacado pelos “filhos de Mamon (= Deus da riqueza)”, como chamavam os espanhóis, então Jerônimo de Mendieta recordava as visões de Joaquim de Fiore e sua ideologia muito difundida naquela época. Segundo essa ideologia, a história da humanidade se desenvolve numa permanente luta entre o bem e o mal. Muitas vezes, o bem (= Jerusalém) é prejudicado pelo mal (= Babilônia). Na sua “História da Igreja Índia”, Jerônimo de Mendieta descreve a desgraça que acometeu a seu povo amado (= indígena) e acreditava num futuro messiânico. Apesar da possibilidade real de um fracasso desse projeto, estava convencido de que o seu ideal ressuscitaria.

Na realidade, nunca se chegou a um verdadeiro diálogo com os indígenas. O que houve, sim, foi um encontro entre duas culturas. Nesta ocasião, as convicções franciscanas entraram numa nítida confrontação com os interesses, valores e costumes do cristianismo europeu.

No dia-a-dia, os franciscanos partilharam a vida dos indígenas. Quando Sebastião Ramirez de Fuentes, presidente da Audiência Real de México, interrogava os índios, estes tomavam o partido dos franciscanos. Perguntado pelo motivo de suas atitudes, responderam: “Por-

que os frades andam de maneira pobre e descalços como nós; comem as mesmas coisas que nós comemos e falam de maneira meiga conosco.”

Como crítico e cronista fidedigno da “Conquista”, o Inca Guzmán Poma de Ayala descreveu os franciscanos da seguinte maneira: “Os já mencionados reverendos padres da Ordem do Santo Senhor Francisco são todos uns santos e muito cristãos, muito obedientes, humildes, misericordiosos, cheios de caridade e prontos para dar esmolas. Estimam e amam muito os pobres de Jesus Cristo... Por causa do seu amor e sua caridade, são no mundo tão estimados pelos ricos como pelos pobres, mas sobretudo pelos pobres índios. Nunca se ouviu dizer que houvesse um processo ou uma denúncia contra os frades benditos.”



A utopia índio-franciscana: uma alternativa

1.4.

Os frades tinham uma visão muito diferente da dos outros europeus e disso não fizeram nenhum segredo. Respeitavam os costumes e a índole dos povos. Queriam fundar uma Igreja indígena com estruturas próprias, direito canônico próprio e sacerdotes e bispos autóctones. Esses últimos deviam viver pobremente e não ter o direito de cobrar o dízimo ou impostos. Essa nova Igreja, da qual os frades sempre voltavam a falar nos seus relatos e nas suas cartas, se orientaria de maneira radical segundo a Igreja primitiva. Por este motivo, o Concílio de Trento (1545-1563) significava um amargo revés para a utopia franciscana. Pois o Concílio de Trento fixava a Igreja na forma ocidental, exigindo que fosse respeitada como a única norma universalmente válida.

Freqüentemente, os frades refletiam sobre modelos alternativos de Igreja, propositalmente distintos da “antiga Igreja” da Europa. Mesmo assim, a possibilidade de uma autêntica inculturação estava fora de cogitação. Pois, na opinião dos franciscanos, a religião indígena foi sempre e continuava sendo considerada uma idolatria. Portanto, a nível religioso, a confrontação entre os dois lados continuava irreconciliável. Finalmente, o preço a pagar era a necessidade de desistir do sonho de uma Igreja indígena; porque, em meados do século XVI, os franciscanos perceberam, consternados, que os índios continuavam clandestinamente a seguir suas antigas religiões e não demonstravam nenhum desejo de



abandoná-las. Isto levou os franciscanos, decepcionados e indignados, a repugnantes atos de violência. Ainda será preciso voltar a este assunto.

Cristianização em vez de hispanização

1.5.

Os primeiros missionários franciscanos recusavam-se a permitir que a cristianização das culturas indígenas coincidissem com uma "hispanização". Em consequência, muitos frades chegaram a recusar-se a ensinar a língua espanhola aos índios. Repetidas vezes, desobedeciam às ordens da coroa espanhola neste ponto. Somente muito mais tarde, quando a atividade missionária já tinha tomado outros rumos e os franciscanos perderam influência na nova Igreja, os frades se viam obrigados a obedecer a tais ordens.

Há, por exemplo, certos indícios de que a língua espanhola não foi ensinada na famosa universidade de Tlatelolco, onde se lecionava tanto o latim como o Náhuatl, a língua nacional. Essa universidade procurava enriquecer a cultura mexicana com os valores do Humanismo europeu, sem abandonar os costumes e tradições da cultura indígena. Uma prova eminente desta tentativa era a fundação da cátedra de medicina, dirigida por um médico indígena e por antigos alunos da universidade que transmitiam os conhecimentos da medicina autóctone tradicional. Também nos hospitais da comunidade, trabalhavam médicos indígenas.

Muitos frades não admitiam que o conceito "espanhol" fosse equiparado com o termo "cristão". O franciscano Jerônimo de Mendieta dá um bom exemplo disso:

"Quando os índios escutam e vêem (e isto acontece com frequência) que o 'espanhol' é chamado de 'cristão', por exemplo, por meio de expressões como as seguintes: 'Chamem aquele cristão para cá!' ou 'Diga àquele cristão!' ou ainda: 'Quando um tal cristão perguntar por mim, diga-lhe que eu não estou!', então é claro que isto tem consequências. Portanto, quando se usa essa linguagem, e isto chega a ser costume entre espanhóis, mestiços, mulatos, negros e até mesmo entre homens da Igreja, então muitos índios começam a refletir e comentam entre si: 'Portanto, não sou cristão. Se chamam o espanhol

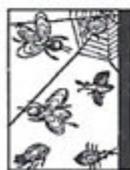


Indicacion del verbo Evangelio en las casas de los Indios y apartarse al español y como lojan de su propia gente.

e mesmo o mestiço de cristão simplesmente porque não são índios, então um índio não pode ser cristão. Uma vez que sou índio de puro sangue, não posso ser cristão também...” Os índios vêem, e continuam vendo todos os dias, espanhóis que levam uma vida debochada, que caçam índios com cães e os maltratam, que lhes roubam suas filhas e esposas, que lhes tomam tudo que possuem e cometem ainda outras atrocidades; e quando esses espanhóis são chamados de cristãos, então os índios têm todos os motivos para dizer: ‘Se esses, que vocês chamam de cristãos, vivem e agem desta maneira, então prefiro ser índio, como vocês me chamam, e não cristão.’

É esta a causa por que os indígenas chegam a ter ódio e repugnância ao nome cristão e, em seguida, também ao nome de Jesus Cristo, do qual é derivado. Assim acontece em todas as partes da Índia Ocidental, aonde não chegou ainda a mensagem completa da Fé em Jesus Cristo...

Louvo a meu Deus por ter-me dado a inteligência de desmascarar esse equívoco, logo ao chegar a estas terras. Devido a essa compreensão, nunca passou por meus lábios chamar um espanhol de cristão, mas sim de chamar um espanhol de espanhol, um mestiço de mestiço, um mulato de mulato e um índio de índio. E todos são, para mim, cristãos, bons ou maus, porque todos eles são batizados.”



influências teológicas e históricas

2.

A origem da visão franciscana

2.1.

Foram certas correntes teológicas da época que facilitaram a atitude positiva dos primeiros franciscanos frente às culturas indígenas da América.

Essas correntes têm sua origem no movimento da Reforma européia. O espírito profético, que as caracteriza, as fez questionar a Igreja polarizada pelo poder e que se considerava a si mesma como absoluta e singular. Na Europa, essa atitude de auto-suficiência provocava a reação dos Reformadores (Martinho Lutero e outros). Na mesma época, a Ordem Franciscana se dividia em Observantes, Conventuais e Capuchinhos (cf. Lição 2). O espírito de protesto, que marca muitos textos franciscanos, deve ser visto em conjunto com uma ideologia que esperava uma “época do Espírito Santo”, na qual devia surgir uma Igreja puramente espiritualista¹ (Joaquim de Fiore), coincidindo com a redescoberta

¹ Aqui se trata de uma Igreja puramente espiritual que se confronta criticamente com a figura da Igreja real, rejeitada por ela.



dos filósofos antigos pelos Humanistas. Como representante desta corrente ideológica, São Tomás Morus tentava avaliar a sociedade do seu tempo de maneira crítica. Para transformar essa sociedade, escreveu sua obra visionária “*Utopia*”, que exerceu uma grande influência no mundo intelectual e também na Ordem franciscana.

Ao encontrarem-se com as culturas indígenas, os frades sentiram-se comprometidos com sua maneira de pensar. Queriam conduzir os índios a um esperado futuro comum, sem acomodação da cultura indígena às circunstâncias europeias. Portanto, as idéias europeias de uma época do Espírito Santo e uma sociedade utópica, assim como a visão indígena do retorno de Quetzalcóatl², se uniram para formar um único grande sonho idealista.



Evidentemente, não se pode supor que todos os frades, que viveram no Novo Mundo, concordavam com essa visão profética. O grupo de franciscanos, porém, que tomou partido dos indígenas, era forte e unido e chegava a convencer muita gente.

Espírito do tempo e intolerância

2.2.

Após décadas de esforço missionário árduo, os franciscanos tiveram a amarga decepção de verificar que os indígenas continuavam a encontrar-se em lugares secretos para praticar os ritos de suas crenças tradicionais. Como já sabemos, é preciso distinguir entre a atitude dos franciscanos frente à cultura, de um lado, e sua atitude frente à religião indígena, do outro lado. Uma distinção feita com tanta nitidez entre religião e cultura é problemática, sobretudo quando se sabe que, até hoje, a religião continua sendo a peça central da cultura indígena. Apesar do fato de que os frades concordavam com muitas idéias do Humanismo cristão, eles não se identificavam por completo com elas. Por exemplo, a noção de tolerância era-lhes totalmente estranha. Levou séculos e muitas experiências dolorosas até que este pensamento entrou e conseguiu impor-se na teologia da Igreja e na cultura dos povos modernos. Em certos âmbitos da atividade missionária dos franciscanos acontecem, ainda hoje, recaídas no racismo, no nacionalismo e na intolerância religiosa.

² Divindade azteca, cujo retorno era esperado pelo povo dos aztecas - segundo os seus cálculos - para o ano de 1519, coincidindo com a chegada dos espanhóis.

No século XVI, nenhum povo europeu concebia a idéia de ter que respeitar a religião de outros povos. Também os aztecas destruíam os templos e santuários de povos que eles conseguiram subjugar, queimando-lhes os objetos sagrados e obrigando-os a aceitar a religião azteca. Os franciscanos, vindos da Espanha, não agiam de maneira diferente. Além disso, ainda estavam sob a impressão de uma experiência histórica, a saber, a luta secular contra o Islã na península ibérica. Portanto, surgiu uma situação ambígua para os franciscanos no Novo Mundo. De um lado, eles demonstravam uma tolerância bastante ampla a nível cultural, defendendo os direitos dos índios e exigindo que se respeitasse a sua identidade político-cultural. Tiveram até a idéia de duas repúblicas separadas para espanhóis e indígenas, com suas respectivas estruturas próprias. De outro lado, mostraram-se absolutamente intolerantes a nível religioso.



Instituição de novas igrejas em terras e aldeias de índios e negros, para descobrir e perseguir renegados políticos e eclesiais.

Violência e Inquisição

2.3.

É preciso distinguir entre uma simples intolerância e o passo dado para chegar à violência nua e crua. A violência exercida pelos franciscanos era dura, sobretudo quando se tratava de destruir a idolatria do poder político. O pleno poder eles derivaram da bula papal “*Exponi nobis fecisti*” (1522), na qual o Papa Adriano VI outorgava aos franciscanos “*toda autoridade papal no âmbito espiritual e temporal*” (= *omnimodam auctoritatem nostram in utroque foro*). Alguns frades consideravam essa autorização uma carta branca que lhes conferia o direito de obrigar até as autoridades políticas a ajudá-los na perseguição e na condenação de “*idólatras*” (= Inquisição³).

Uma carta escrita por Francisco de Toral, bispo franciscano de Yucatán, em 1º de março de 1563, condena os excessos violentos cometidos pelos seus confrades, denunciando as sérias aberrações do seu tempo:

“Acontece que entre os padres não há eruditos. Nem entendem os índios, nem têm amor ao próximo ou a Deus, para suportar a miséria e os erros deles, dos quais se ouve falar, porque alguns voltaram aos seus antigos ritos e idolatrias. Sem procurar ultteriores informações ou provas, (os frades) torturam os índios, pendurando-os com cordas, amarrando grandes pedras

³ Instituição fundada e transferida à América Latina por Felipe II, para descobrir e perseguir renegados políticos e eclesiais.



aos seus pés. Derramam cera escaldante na barriga de outros e lhes dão chicotadas. Perguntam a estes índios se possuem imagens de ídolos, se já sacrificaram ou crucificaram seres humanos, perfurando-lhes as mãos e os pés como foi feito a Jesus Cristo, nosso Senhor. Sob o ditado de Satanás, os índios começam a dizer nos interrogatórios que, de fato, tinham ídolos e que eram culpados da morte de muitas pessoas, condenando assim a si mesmos e a muitos outros infelizes. Uma vez liberados, voltam a suas aldeias, ensinando a todos que eles deviam responder desta maneira nos interrogatórios, para ficarem livres depois. Por isso, eles confessaram tudo que lhes vinha na cabeça, por medo de serem torturados. Por causa destas confissões, os padres lhes deram penitências de muitos reais⁴, de muitas chicotadas, de muitos serviços pesados nas casas dos espanhóis. Portanto, os frades fizeram-se inquisidores, sendo o provincial (Diego de Landa) o Inquisidor principal. Havia três outros inquisidores que julgavam os casos junto com ele, organizando dois Auto-de-fé⁵ públicos, com todas as cerimônias, bandeiras, procissões etc., durante os quais os índios recém-batizados foram vestidos de penitentes. Todos receberam chicotadas, tinham a cabeça raspada e foram condenados a três, seis ou dez anos de servidão e escravidão. Os padres tiravam ossos dos sepulcros dos índios, levantavam estátuas aos deuses deles, queimando-as em seguida, junto com os ossos, sem outras provas além dos depoimentos dos enforcados, que eram todas falsificações e invenções, como eu consegui verificar. Os franciscanos mantiveram presos no convento desta cidade mais de cem chefes dos índios e procuravam capturar ainda mais, para preparar outro Auto-de-fé e queimar a todos eles, o que era um grande atrevimento e falta de vergonha...

Estou relatando tudo isto para que a Vossa Majestade saiba que esses miseráveis usaram a tortura em vez de ensinar a doutrina da Fé. E em vez de mostrar aos infelizes o verdadeiro Deus, levaram-nos ao desespero. Em vez de acolhê-los no seio da Santa Mãe Igreja de Roma, expulsaram-nos para dentro da selva. E o que é ainda pior: querem fazer entender que não é possível pregar a Lei de Deus sem aplicar a tortura, com aprovação da Santa Mãe Igreja..."

Sobre os mesmos acontecimentos existe uma carta, escrita em estilo clássico e gramaticalmente perfeita, da mão de um chefe dos maias e dirigida ao Rei Felipe II, no ano de 1567,



4 Moeda de prata do tempo da colonização espanhola.
5 Processos públicos da Inquisição, durante os quais os réus foram queimados vivos.

para fazer queixa dos franciscanos.

“Outrora, tivemos a sorte de chegar a conhecer a Deus, Nosso Senhor, como o único verdadeiro Deus; e a Vossa Majestade como nosso Senhor temporal. Por isso, deixamos as nossas cegueiras e idolatrias. Mas, antes de podermos abrir os olhos direito, para tomar conhecimento pleno de um e do outro, começou no ano de 1562 uma perseguição



movida pelos padres da Ordem de São Francisco, que era pior do que tudo que se possa imaginar. Fomos nós que trouxemos os frades para cá, para que nos ensinassem, mas, em vez de fazer isto, começaram a torturar-nos, pendurando-nos pelas mãos, dando-nos chicotadas brutais, pendurando pedras pesadas a nossos pés, maltratando muitos entre nós pela tortura e fazendo-os beber grandes quantidades de água. Assim, muitos dos nossos morreram, em consequência destes maltratos ou ficaram aleijados.

... Quase desesperamos, ficando aleijados pelas torturas cruéis. Muitos morreram, foram mutilados ou privados das suas terras. Ainda mais, tivemos de assistir à cena de como os frades desenterravam os ossos de falecidos batizados, mortos como cristãos. Como se isto não bastasse, os religiosos e a Justiça de Vossa Majestade organizaram num lugar um ato solene de Inquisição. Trouxeram muitos ídolos, desenterraram mortos e queimaram tudo isto publicamente. Além disso, condenaram muitos a servirem durante oito ou dez anos como escravos a espanhóis, distribuindo roupas de penitentes a eles, obrigando-os a vesti-las.

Todos esses acontecimentos nos causaram grande espanto e susto. Como tínhamos recebido o batismo há pouco tempo e não estávamos ainda bastante instruídos na Fé, não sabíamos o que tudo isto significava. Ao voltarmos a nossos súditos, para pedir por eles clemência e justiça, os franciscanos prendiam-nos e levavam-nos acorrentados como escravos ao convento de Mérida, onde muitos de nós morriam. Lá éramos informados de que seríamos queimados. Não sabíamos o porquê...

Apesar de nossa tristeza e nossa fadiga, amávamos os padres e dávamos-lhes de presente o que necessitavam. Construimos para eles, muitos conventos, equipados com sinos e decorações, tudo pago por nós e por nossos súditos. Em recompensa por nossos serviços, subjulgavam-nos, tirando-nos até os nossos domínios, herdados de nossos antepassados. Coisas semelhantes nunca tínhamos sofrido antes, nem no tempo em que ainda éramos pagãos.”





Defesa da cultura dos povos subjugados

3.1.

As possibilidades que temos hoje, porque dispomos de notícias fidedignas sobre os antigos povos americanos, devemos em grande parte ao trabalho dos Irmãos. As numerosas obras filológicas e etnológicas dos frades dão testemunho de um trabalho abrangente em defesa da cultura indígena. Chegaram a escrever em várias línguas indígenas, publicaram livros, editaram petições e requerimentos às autoridades políticas e animaram os próprios índios a escreverem crônicas, aliás muito bem feitas.

Ainda é preciso mencionar a literatura religiosa: sermões, livros catequéticos ilustrados, cantos e peças de teatro, tudo escrito na língua do povo. Os frades também desenvolveram métodos pedagógicos, impregnados pelo pensar e pelo sentimento da cultura indígena como, por exemplo, peças de teatro popular, exercícios de piedade e liturgia popular.

No fundo, porém, todos estes escritos e ações tinham como ponto de partida a absoluta convicção de que o Cristianismo era a única religião verdadeira, não deixando espaço para religiões indígenas.

Mesmo assim, na opinião dos contemporâneos, a aproximação franciscana às culturas indígenas era abrangente demais. Isto é demonstrado pelas suspeitas, perseguições abertas e destruições destas obras por outros espanhóis. A recusa dos franciscanos de ensinar a língua espanhola aos índios mostrava aos conquistadores que os franciscanos não lhes eram facilmente disponíveis. Já no ano de 1533, o franciscano Jacobo de Tastera respondeu aos críticos espanhóis: *“Se vocês não fizeram nada para aprender a língua deles e não se informar sobre a miséria que sofrem, então cale a boca ou antes, encham a própria boca com pedras e lama.”*

Seria exagero, porém, chamar as iniciativas dos franciscanos de verdadeira “inculturação”, no exato sentido teológico.

Um livro que é preciso decifrar

3.2.

Em resumo, pode-se dizer que a maioria dos franciscanos que trabalhavam nas antigas culturas indígenas estavam a serviço da propagação do Cristianismo, como se havia desenvolvido na Europa, e não a serviço de uma Igreja de caráter realmente indígena. A sua missão era paternalista, pois tratavam e cuidavam dos índios como de crianças menores.

Os índios, por sua vez, chegaram a conhecer São Francisco através dos frades. Carinhosamente, chamavam o santo de “San Palacizco” na sua língua Nahua. Numa crônica consta: *“Hoje levavam em procissão uma nova imagem santa. O pedestal era coberto de damasco vermelho, trazendo o símbolo do fogo. Também estavam representados os senhores que atualmente governam o México, simbolizado por uma águia. A imagem de nosso querido pai, São Francisco, está de pé, como se estivesse em cima de um cavalo. Tinha uma cruz numa mão e com a outra fazia um gesto como se entregasse um livro.”*

Seria bom se nós, hoje, tentássemos decifrar este livro que “San Palacizco” estava entregando aos seus irmãos e suas irmãs indígenas, para podermos encontrar-nos com eles como verdadeiros franciscanos.





Trecho de uma ordenação oficial, prescrita a uma comunidade espanhola, no século XVI: *“Não deveis nem aceitar, nem exigir esmolas exorbitantes e desnecessárias. Pelo contrário, deveis recusar generosamente tais donativos, convencidos de que importâncias tão grandes foram roubadas aos pobres; e de que, um dia, sereis obrigados a justificar-se por causa delas, como ladrões e assaltantes.*

Mesmo se os donativos vos forem entregues através de terceiros, tereis que responder aos doadores que eles deviam distribuí-los a outros pobres. Portanto, para vós, tais donativos não devem ter mais valor do que os excrementos de animais ou homens.”

Perguntas e tarefas:

1. Que impressão este texto provoca em você?
2. Compare o texto com RegNB,9.
3. O que o texto pode dizer-nos ainda hoje?



Leia os seguintes textos:

(1) do livro “Utopia” de Tomás Morus:

“(No país Utopia), os homens possuem riquezas incalculáveis (= ouro e prata) sem lhes dar importância. Guardam-nos de uma maneira tão estranha que me sinto acanhado de falar disso, por temer que não me darão crédito. E isto não me espantaria, porque eu mesmo não podia acreditá-lo, se o tivesse ouvido contar por outrem, em vez de vê-lo com

meus próprios olhos. É notório que as pessoas se recusam a acreditar em coisas que ultrapassam aquilo que conhecem. Uma vez, porém, que a pessoa incrédula toma conhecimento das demais leis que há em Utopia, todas tão diferentes das nossas, então sentirá menos espanto ao constatar que tal uso de ouro e prata é mais conforme aos costumes deles do que aos nossos.

De fato, uma vez que os habitantes de Utopia desconhecem o valor que nós atribuímos ao ouro, guardam esse metal somente como reserva para eventuais necessidades. Ouro e prata, dos quais fazem simples moedas, não têm entre eles um valor maior do que o valor natural. E ninguém pode negar que o valor dos dois metais é, de fato, inferior ao valor do ferro, uma matéria tão indispensável aos homens como o fogo e a água. Nem ouro nem prata possuem qualidades sem as quais a humanidade não poderia subsistir. Portanto, em si, não têm valor maior do que aquele que os homens lhes atribuem, por tratar-se de matérias raras. Disso é possível deduzir que a natureza, nossa mãe providente, deixa ao nosso livre dispor tudo aquilo que é melhor, como o ar, a água e a terra, enquanto esconde nas profundezas tudo aquilo que é fútil e inútil.

Os habitantes de Utopia não guardam seus metais preciosos trancados em torres. Naquela terra, o povo anda tão desconfiado que o príncipe ou o senado seriam muito suspeitos, se tirassem proveito dos seus privilégios, porque então se pensaria que estejam enganando o público com astúcia.

Na Utopia, quando alguém utiliza ouro ou prata para fabricar objetos de valor como cálices ou objetos de arte, pode acontecer que esses mesmos objetos acabam sendo refundidos novamente, para que se faça deles simples moedas para pagar o soldo aos soldados. Pois, caso contrário, poderia ser-lhes custoso separar-se desta coisa na qual começam a sentir prazer.

Para evitar tais dificuldades, esta gente se comporta de uma maneira que, apesar de concordar com suas outras instituições, diverge muitíssimo dos nossos costumes, uma vez que nós temos o ouro em alta consideração e o guardamos com todo cuidado. Portanto, só me darão fé aquelas pessoas que já presenciaram isto. Pois, o povo de Utopia come e bebe em vasilhas de barro ou vidro, que podem ter uma forma elegante, mas não têm valor absoluto. Entretanto, estas mesmas pessoas utilizam ouro e prata para fabricar penicos e outros objetos banais para uso doméstico.

Da maneira semelhante, comportam-se nos negócios públicos. Por exemplo, as correntes e ferros que prendem os escravos são feitos de metais preciosos. E pessoas que cometeram crimes, têm que usar brincos, anéis e colares de ouro, assim como uma touca de ouro na cabeça para servir de sinal que os identifique.

Resumindo, pode-se dizer: de todas as maneiras, eles procuram rebaixar o valor do ouro e da prata. Em consequência, esses metais, dos quais outros povos não querem se separar por nada neste mundo, como se alguém lhes arrancasse as vísceras do corpo, os habitantes de Utopia não lhes atribuem valor nenhum. Se fossem obrigados, um dia, a separar-se de seu ouro, então isto - para eles - não teria maior importância do que se separassem de algumas moedinhas insignificantes.



(2) Trecho de uma carta de Américo Vespúcio:

"Enquanto posso constatá-lo, o modo de viver dos índios é epicurista. A saber, riquezas como ouro, pedras preciosas e coisas semelhantes, que aos nossos olhos têm um grande valor, não lhes valem nada. Mesmo quando possuem tais riquezas, não trabalham para ganhar mais e não lhes atribuem importância... Igualmente, não têm propriedade particular, mas tudo que possuem pertence a todos."

Perguntas e tarefas:

1. Que relação há entre estes dois textos?
2. Compare os textos com a Regra não-bulada (8,1-6) de São Francisco.



3.

Leia os quatro textos seguintes, escritos por missionários franciscanos na Nova Espanha:

(1) *"Os índios não ficam acordados para adquirir ou acumular riquezas. Também não se matam para alcançar honras e títulos. Quando se deitam para dormir, cobrem-se com suas pobres capas. E quando se levantam, começam imediatamente a servir a Deus... A cama deles é o duro chão, sem lençóis ou cobertores. Assim vivem os índios nos seus casebres, junto com seus pais, filhos e netos. Comem e bebem sem fazer muito barulho ou palavras. Quando se afastam, é para procurar alimento a fim de sustentar a vida, e nada mais."*

(2) *"Em contraste, observem como custa a um espanhol ter que sair de sua cama macia. Com frequência, se esconde da luz do sol para dormir mais um pouco; ou logo veste um robe, para não ter que sentir o vento. Depois, exige que o vistam, como se não tivesse mãos para fazê-lo sozinho. E assim o vestem, como se fosse um pobre aleijado."*

(3) *"Muitos índios e suas mulheres, e entre estes mais as mulheres do que os homens, têm uma alma tão simples e pura que nem sabem o que seja um pecado. Isto chega a ponto de que os confessores se sentem embaraçados ao ter que falar com eles, pois lhes custa mais do que falar com os piores pecadores."*

Procuram nestes índios singelos alguma matéria para poder dar-lhes a absolvição. E isto não acontece como se fossem estúpidos ou ignorantes, porque essa gente conhece os mandamentos de Deus perfeitamente.”

(4) Confrontado com o espanhol, o índio é como um pequeno caranguejo enfrentando um leão. É evidente que o espanhol tem intenções malvadas e bastante coragem para terminar com todos os índios que há na Nova Espanha, se tivesse a chance de fazer o que gostaria. Entretanto, os índios são serenos, impassíveis e meigos. Nem lhes vem na cabeça a idéia de fazer mal a uma mosca. Portanto, quando acontece algo de ruim, convém deduzir sempre que foi o espanhol quem fez o mal, e que foi o índio quem teve que sofrer a maldade dele.”

Pergunta:

Qual seria o seu comentário a estas observações feitas por Turíbio de Benavente e Jerônimo de Mendieta?



4.

Perguntas dirigidas a pessoas que não são latino-americanas:

Perguntas:

1. Na sua terra, será que existem textos comparáveis, falando dos primeiros tempos da atividade missionária da Ordem?
2. Há semelhanças? diferenças? quais? por quê?







Diálogo azteca-franciscano:

Em 1523, um famoso grupo de doze franciscanos chegou ao México. Já no ano seguinte, começou um diálogo religioso com personalidades importantes dos aztecas. O texto deste colóquio foi reconstruído por Bernardino de Sahagún, OFM, em 1564. Os conceitos escritos entre parênteses, significam divindades aztecas. Mostram a tentativa dos franciscanos de representar a imagem cristã de Deus por meio de conceitos aztecas. Seguem alguns trechos deste diálogo:



Os franciscanos falam:

“Não se deixem perturbar. Não nos considerem seres superiores. Pois somos simples súditos, iguais a vós. Somos seres humanos como vós e, de maneira alguma não somos deuses. Nossa pátria é a terra. Também nós temos que beber água e temos que comer, sofremos do calor e do frio, somos mortais e passageiros. Somos meros mensageiros, enviados para cá, à sua digníssima terra, seus rios, suas montanhas (VV. 26-39).

Vimos apenas por compaixão por vós, para vossa salvação, não por coisas terrenas. O grande Senhor espiritual não quer pedras preciosas ou metais preciosos, nem plumas verdes da ave Quetzal, nem outras preciosidade, mas tão somente a vossa salvação. É isto o que Ele deseja (VV. 128-136).

... Somente por amor, por compaixão, Ele vos manifesta bondade. Porque é esta a vontade de nosso Deus e Senhor, que nos amemos uns aos outros, que tenhamos compaixão uns dos outros e que façamos o bem uns aos outros, porque somos seres humanos nesta terra, não para termos vantagens (VV. 245-254).

Já faz muito tempo que Ele, o verdadeiro Deus, o Senhor [tlatani], o Senhor da proximidade, o Senhor que está conosco [tloque navaque], por meio do qual se vive [iplalnemoani], Ele resolveu revelar-se aos seus queridos (VV. 288-293). Seu nome ilustre é Jesus Cristo, verdadeiro Deus [teotl] e verdadeiro homem, pelo qual tudo vive [ipalnemoani], Senhor



entre nós e conosco [tloque navaque] e Salvador também em todas as outras regiões do mundo inteiro (VV. 544-550).

Ele nos criou a nós, que somos simples seres humanos, súditos seus. Também criou os diabos, aqueles que sempre procuram passar por deuses" (VV. 556-559).



Os aztecas falam:

"Para onde podemos ainda ir, por acaso? Somos súditos, somos efêmeros, somos mortais. Pois bem, vamos morrer. Pois bem, portanto, vamos perecer. Uma vez que até os deuses morreram (VV. 922-927).

Vós nos dizeis que ainda não conhecemos o "Senhor conosco" [tloque navaque], o Senhor do céu e da terra. Vós nos dizeis que os nossos deuses não são verdadeiros deuses. São palavras novas, nunca antes ouvidas que nos dizeis. E por isso estamos perturbados e escandalizados. Porque nossos progenitores, que vieram a esta terra, não falaram assim. Deram-nos seus costumes, suas leis, acreditaram naqueles deuses, serviram-lhes e reverenciaram-nos (VV.933-950).

São os deuses pelos quais todos vivem e que nos eram favoráveis. Quando? Aonde? Era ainda no tempo da noite. E os nossos progenitores nos disseram: São eles que nos dão a nossa subsistência, nossa refeição da manhã e da noite e, em geral, a nossa comida e a nossa bebida. Eles nos dão os alimentos como milho, feijão, legumes e salva. São eles aos quais pedimos água e chuva para fazer a terra produzir. São ricos, abençoados, possuindo bens. Eternamente fazem as árvores brotar e a terra deles está sempre verde. Aonde? Como? No país de Tlalocan, o Deus da chuva (VV.960-978).

E então, por acaso, devemos destruir as leis antigas? A lei dos chichimecos, a lei dos toltecos, a lei dos tepanecos? Entendemos aquilo que a gente vive, aonde nasceu, como foi criado e educado, a saber, a maneira de invocar os deuses e adorá-los.

Escutai, ó Senhores, não obrigais o vosso povo àquilo que traz desgraça, pela aniquilação das coisas nas quais nossos velhos e velhas foram educados. Para que não irrite os deuses, não nos façais vítimas de sua ira, sua raiva. Para que o povo não se irrite e se levante contra nós. Para que possamos acalmá-lo. Para que não o perturbemos com aquilo que nos estão dizendo que devemos lhes dizer: proibindo-lhes que invoquem seus antigos deuses, e não mais os adorem (VV.1005-1034).

Basta já aquilo que temos perdido, que nos foi tirado, que nos foi interdito, o trono e a sede da soberania. Vamos continuar morando no mesmo lugar, mas como que presos e encurralados. Que façais conosco aquilo que quereis. Isto é tudo que queremos dizer, que queremos responder-lhes, ó nossos Senhores!" (VV. 1048-10670).





Trecho da observação final dos franciscanos:

“Porque nunca ouvistes a palavra de Deus, não tivestes o livro de Deus, a palavra de Deus, nunca recebestes a comunicação do Senhor dos céus e da terra. Desde então, sois como cegos, como surdos, vivendo como que no tempo da noite, na escuridão. Por isso, o seu pecado não é demasiado grande. Mas agora, se não quereis ouvir a palavra de Deus, pois é Ele quem vo-la dá, correis um grande perigo. E Deus, quem iniciou o vosso aniquilamento, o levará até o fim, para que pereçais totalmente” (VV. 1128-1148).



Perguntas:

1. Qual é a sua reação a este diálogo?
2. Como afeta a imagem de Deus que você tem?
3. O que podemos aprender daquilo?



2.

Estilo de vida eclesiástico.

Dê a sua opinião sobre o estilo de vida que Turíbio de Benavente (Motolinía) desejava para os bispos de uma “Igreja indígena”:

“Pois neste país e no meio deste povo humilde seria muito a propósito que os bispos fossem pobres e modestos, assim como viviam na Igreja primitiva. Não deveriam almejar bens, mas procurar almas. Também seria desnecessário que trouxessem mais (documentos) que a autorização papal.



Seria melhor que os índios não vissem bispos ricos, usando camisas finas feita de linho, dormindo sobre colchões macios e se vestindo suntuosamente de maneira mole. Pois todos que são responsáveis por almas devem imitar a humildade e pobreza de Jesus Cristo, levar a sua cruz sobre os ombros, prontos para morrerem sobre ela.”

Pergunta:

Qual poderia ser o significado deste texto para a Igreja universal?



3.

Métodos catequéticos.

O texto seguinte foi tirado do livro “Siembras entre brumas” de Mario Cayota:

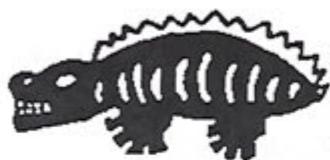
“Para não cair no sincretismo⁶, os franciscanos que se aliaram ao movimento “pro-índio” valiam-se de uma vasta e rica alternativa de mediações.

A obra do Frei Jacobo de Tastera é típica. Apenas chegado no México no ano 1529, já tentava imediatamente comunicar-se com os indígenas na própria língua deles. Enquanto aprendia a língua, procurava, de todas as maneiras possíveis, entrar em contato com os índios. Neste intento, utilizava um antigo sistema escrito dos Nahua, a saber, os famosos glifos (= caracteres pictográficos). Numa de suas cartas, escrita em 1533, fala de seus esforços “para conhecer os mistérios deste povo, seus sentimentos e suas convicções,... até que consegui perpassar o muro para encontrar entrada nas suas almas e observar, em plena luz, as maravilhas da graça que Deus operava nos seus corações.” Finalmente, dirigiu-se àqueles que desprezavam os índios e sua cultura, com as palavras: “Se vocês não fizeram nada para aprender a língua deles ou se informar sobre a miséria que sofrem, então calem a boca, ou antes encham a própria boca com pedras e lama.”

Por respeito e amor aos indígenas, foi escrito o texto “Testamericana”. Os autores foram os próprios índios, orientados por Frei Jacobo. Portanto, quando se fala da destruição da cultura indígena, tais exemplos devem ser lembrados. Não eram nem raros, nem casos isolados.

⁶ amálgama de formas religiosas diferentes

Um outro exemplo de mediação catequética foi descrito por Jerônimo de Mendieta. Esse método se baseia na tentativa de encontrar conceitos na língua indígena que se assemelham o mais possível aos respectivos conceitos em latim ou espanhol. Se fossem encontrados, era possível fixá-los pictograficamente. Por exemplo, para traduzir o "Pater noster" (= "Pai nosso"), procedia-se da seguinte maneira:



"Os índios procuravam palavras na sua língua, cuja pronúncia se assemelhasse o mais possível a das palavras latinas. Em seguida, colocaram o significado destas palavras num pedaço de papel. Como não tinham uma verdadeira escrita, colocaram somente os correspondentes sinais pictográficos. Por exemplo, para poder escrever o "Pater Noster", a palavra da língua sua que se assemelhava o mais possível a palavra "pater" era a palavra "pantli" (= pequena bandeira, ou o número 20). Portanto, para se lembrarem da palavra "pater", colocaram o desenho de uma pequena bandeira (= pantli), procurando simultaneamente memorizar o som da palavra "pater". O mesmo aconteceu com a palavra "noster". Para traduzí-la, procuravam na própria língua o conceito mais próximo, a saber, a palavra "nochtli" (= uma planta que os espanhóis chamam de figo de cacto). Portanto, para se lembrarem da palavra "noster", desenharam depois da pequena bandeira um figo de cacto (= nochtli), e assim por diante, até terminar a tradução do Pater noster."

Perguntas:

1. Que impressão lhe dá este tipo de catequese?
2. Quais são as chances, quais os limites deste método?





Bernardino de Sahagún: Pai da Etnologia

Também o texto seguinte é tirado do livro “Siembras entre brumas” (pp. 431-434) e descreve o método de trabalho etnológico de Frei Bernardino de Sahagún.

“Como uma reação sadia contra a versão ‘oficial’, pesquisadores modernos, que estudam a cultura indígena, têm-se dedicado nos últimos decênios a reconstruir a história da descoberta da América Latina, baseando-se nos pouquíssimos relatos escritos pelos vencidos, e não pelos conquistadores. Uma das fontes mais importantes é o assim-chamado “Códice florentino”. Atualmente, se fazem comentários exaustivos sobre este texto. Fala-se muito pouco, porém, sobre seu autor, Frei Bernardino de Sahagún. Em princípio, temos que agradecer a este franciscano e sua obra monumental, “Historia General de las cosas de la Nueva España”, a possibilidade de conhecer os acontecimentos da Conquista, a partir de uma perspectiva que não seja a perspectiva oficial.

De fato, dispomos também de acusações, feitas por missionários, que denunciaram, por escrito, os atos de violência cometidos pelos conquistadores. Estes escritos, porém, não deixam de ser influenciados pela mentalidade européia.

Visitando aldeias (= pueblos) distantes e afastadas, e interrogando os índios mais antigos e veneráveis, Frei Bernardino de Sahagún conseguiu reconstruir a história sofrida dos povos subjugados. Para isto, utilizava métodos exatos e cuidadosamente pesquisados. Ao fazer a sua reconstrução histórica, ele não amenizava, nem modificava aquilo que os índios lhe relatavam. É justamente o seu método crítico e imparcial que garante a autenticidade dos seus relatos.

Na sua obra principal, Frei Bernardino não se limita a citar testemunhas da conquista. Impressionado pela cultura deste povo vencido, dedicou-se incansavelmente ao estudo da arqueologia e arquitetura mexicanas, assim como ao estudo científico da astrologia azteca, seus calendários e suas festas, à pesquisa metódica dos animais, das plantas e minerais do México, aos costumes, ritos e profissões, às classes sociais e à estrutura familiar e ainda muitos outros aspectos da vida mexicana.

Uma vez que Frei Bernardino não podia recorrer a fontes escritas, utilizava métodos considerados modernos que eram conhecidos entre os eruditos daquela época, a saber, a “encuesta” (= inquérito). Ele mesmo descreve, no relato de sua viagem aos “pueblos” de Tepepulco, o

modo como costumava proceder: “No ano 1598, mandei reunir todos os homens importantes, assim como o Senhor do pueblo. Este último era Don Diego de Mendoza, um grande Senhor, já de idade, com muitas qualidades, e muito experimentado em coisas da Cúria, nas guerras, na política e conhecedor da idolatria. Quando todos os convocados estavam reunidos, expliquei-lhes o que pretendia fazer. Pedí que me indicassem pessoas cultas e experimentadas, com os quais eu poderia conversar, e que seriam capazes de responder às minhas perguntas. Responderam-me que iriam deliberar a respeito da minha proposta e me comunicariam a sua decisão no dia seguinte. Com estas palavras, se despediram de mim.

No dia seguinte, chegou o Senhor do pueblo com os outros chefes e organizaram um parlamento muito solene, como costumam fazer. Em seguida, apresentaram-me doze chefes, declarando que eu poderia entender-me com eles, porque iriam responder a tudo que eu iria perguntar. Entre eles havia quatro que sabiam latim, aos quais, há poucos anos atrás, eu tinha ensinado a gramática no Colégio da Santa Cruz de Tlaltelolco.

Assim, durante dois anos e em muitos dias conversei com esses chefes e com os conhecedores do latim, que também eram chefes, seguindo a ordem que tinha estabelecido no rascunho, preparado por mim. Todas as coisas que lhes perguntei me responderam através de imagens pintadas, pois assim era a escritura deles da qual se servem há tempos imemoráveis. Os que sabiam latim explicaram tudo aos outros na língua deles e escreveram as explicações em baixo das imagens.”

Como Frei Bernardino de Sahagún era uma das colunas principais do famoso colégio de Tlaltelolco, não é para se admirar que - para terminar esta obra difícil - valeu-se da ajuda incalculável de um grupo de seus alunos. Desta maneira, índios eruditos, estudantes daquele colégio, colaboraram junto com ele, formando uma equipe que se chamaria hoje em dia de “interdisciplinar”. Com a ajuda deles, o sábio Frei Bernardino conseguiu escrever a volumosa Enciclopédia da Cultura Azteca, formada por doze grossos volumes.

Laurette Sejourne, arqueóloga do Instituto Nacional de Antropologia e História do México, comentou a respeito: “Seria impossível fazer uma reconstrução histórica mais coerente do que aquela escrita por Frei Bernardino de Sahagún... Com fidelidade absoluta, ela transmite todos os aspectos da vida pré-colombiana. Graças ao seu trabalho, é possível superar as ambigüidades dos outros textos e fazer uma nova síntese. Mesmo hoje, não se pode fazer coisa melhor do que seguir o esquema elaborado por Sahagún.” Luis D’Olwer concorda com esta opinião, acrescentando: “Sahagún é o criador do método de pesquisa antropológica e o maior conhecedor, quando se trata da cultura e da religião dos aztecas.”

No prólogo de sua obra, Bernardino de Sahagún responde a eventuais críticos, que acham exagerada a sua ocupação com pessoas de outra fé:

“Um médico não pode prescrever remédios a um doente antes de saber a partir de que elementos e causas a doença surgiu. Portanto, é para se desejar que o médico esteja bem



versado na medicina, para poder usar o remédio adequado para cada doença. Os pregadores e confessores são médicos das almas, para curar doenças espirituais. É aconselhável que também eles disponham de experiência prática tanto como de remédios para as doenças da alma. Aquele que prega contra os vícios do Estado precisa reforçar a sua doutrina contra estes mesmos vícios. E quem é confessor precisa saber o que convém perguntar e como possa entender aquilo que poderiam dizer sobre seu trabalho. Em ambos os casos, é aconselhável que saibam o que é necessário para a execução de suas tarefas. Não convém que os sacerdotes se tornem negligentes, quando se trata destas conversões, alegando que não há outros pecados no povo que a bebedeira, o furto e o desejo sexual, porque, de fato, há ainda muitos outros pecados graves que precisam de remédio; por exemplo, o pecado da idolatria e dos ritos idólatras, as superstições, a adivinhação de sinais, os abusos e cerimônias idólatras ainda não eliminados.

Para poder pregar contra essas coisas e para, em geral, ter conhecimento delas, é preciso saber como as pessoas agiram nos tempos quando ainda adoravam os seus ídolos. Pois, uma vez que hoje não sabemos mais nada disso, acontece que eles praticam muitas ações idólatras sem o nosso conhecimento. Alguns se desculpam dizendo que se trata de tolices e brincadeiras, cujas raízes eles desconhecem (apesar de se tratar de pura idolatria). E os confessores não lhes perguntam nada a respeito, pois nem se lembram de que essas coisas existem, nem conhecem a língua deles para poder fazer perguntas; e mesmo se lhes fosse explicado, não iriam entender.

... Esta obra é como um arrastão, procurando trazer à luz todas as palavras desta língua, com seus significados próprios, seus modos de falar e a maior parte de seus costumes, os bons assim como os maus. É uma tarefa agradável, porque com trabalho bem menor do que aquilo que me custou, os que o desejarem serão capazes de conhecer em pouco tempo muitos dos costumes e a língua deste povo mexicano. A obra em si é muito útil para se conhecer o alto grau de perfeição ao qual chegou o povo mexicano...”

Perguntas:

1. Que impressão lhe dá a obra de Bernardino de Sahagún?
2. Quais as conseqüências seria necessário tirar para um diálogo intercultural?
3. Que tipo de auto-compreensão e compreensão da missão se manifesta neste texto?



Declaração para o ano comemorativo de 1992.

O texto seguinte é uma declaração publicada pela Comissão Científica da MZF (= Missionszentrale der Franziskaner), por ocasião da comemoração dos 500 anos de cristianização da América Latina.

A história dos 500 anos da América Latina tem uma íntima correlação com os franciscanos. Eram franciscanos com os quais Cristóvão Colombo discutia primeiro os seus projetos de uma viagem de descobrimentos da Índia. Em 1492, foram franciscanos que lhe arranjaram a oportunidade de uma audiência com a Rainha Isabel da Espanha, que acabou concedendo-lhes a permissão real e o apoio para seus projetos. Eram missionários franciscanos que acompanharam os espanhóis e os portugueses durante a “conquista” da América.

Portanto, existe uma especial responsabilidade e relação dos franciscanos para com os eventos da quingentésima celebração do dia histórico de 12 de outubro de 1492, quando Cristóvão Colombo chegou à ilha de Guanahani, no Caribe.

... De que lado nós nos encontramos? É esta a pergunta a fazer, se queremos tirar as conseqüências da história dos 500 anos da América Latina. Neste contexto, nós franciscanos devemos admitir que o projeto da conquista e da tarefa missionária no continente americano não aconteceu conforme o espírito que Francisco e seus irmãos tanto desejavam. Francisco tinha suplicado a seus irmãos, que andassem entre os infiéis e incrédulos “*de maneira espiritual*”. Bem diferente dos cruzados, que foram ao Oriente para combater os sarracenos, os frades menores deviam viver no meio deles, “*submetendo-se a todos os homens por causa do Senhor*” (RegNB 16,7). Contrário a esta compreensão franciscana de missionar, o descobrimento das Américas aconteceu impregnado por uma mentalidade marcada pelo espírito da conquista.

Tanto mais, nós franciscanos devemos estar hoje ao lado das vítimas desta atroz história colonial. Isto significa, em primeiro lugar, que nós nos opomos resolutamente a uma festa pomposa, querendo, ao contrário, colaborar para que os senhores da colonização cheguem a considerar os eventos a partir do ponto de vista dos lesados. Pois, estes realmente não têm nada para festejar: Nem os indígenas, dos quais 60 milhões foram vitimados por um genocídio que continua ainda hoje; nem os descendentes dos primeiros escravos africanos que tiveram que assumir uma parte essencial da paixão que já dura



500 anos; nem a maioria da atual população da América Latina que está sofrendo agora das chagas abertas de um inaudito empobrecimento e de uma existência marcada pela miséria.

É um dos milagres que aconteceu na América Latina, que este continente, apesar de sua história colonial tão cruel, acabou aceitando e guardando o Evangelho, dando origem a igrejas locais que se colocaram, em Medellín e Puebla, decididamente do lado dos pobres. Por isso, representam hoje uma grande esperança, não somente para estes povos, mas para a Igreja universal. Se há algo a ser festejado, então é este fato de que, no decorrer de 500 anos surgiu um novo Povo de Deus, que manteve a sua identidade, mesmo entre dores, e que se faz notar cada dia mais.

Consciência e reparação em vista dos 500 anos de presença franciscana na América Latina significam que devemos admitir que a missão franciscana também não era livre de uma aliança nefasta com os ricos e poderosos. Significa que devemos sentir pesar, porque não conseguimos impedir a matança de milhões de indígenas, mas bem pelo contrário, às vezes, colaboramos com isto. Também exige de nós que peçamos perdão aos descendentes daqueles que foram feitos escravos e que, conforme o exemplo do nosso fundador, deveriam ser as nossas irmãs e nossos irmãos.

Reparar significa, num sentido positivo e orientado para o futuro, que devemos apoiar de maneira incondicional uma opção preferencial pelos pobres e promover uma nova maneira de ser Igreja, que deixa ao povo a sua identidade, como peça central de uma nova Evangelização do continente.

Também significa que nós franciscanos saibamos que estamos intimamente unidos àqueles entre nossos irmãos e irmãs que, com freqüência, sofrem dificuldades, porque se colocam à disposição dos pobres e de uma Igreja dos Pobres.



Para nós franciscanos, isto significa estímulo e compromisso:

- *** para que cheguemos a ver e entender a história de outra maneira, a saber, a partir do ponto de vista das vítimas e de sua resistência;
- *** para deixarmos-nos evangelizar por eles, aprendendo a entender a Palavra de Deus de maneira nova, descobrindo o Deus dos pobres e convertendo-nos a Ele, assim como Francisco foi convertido a Cristo por intermédio do leproso;
- *** para nos engajarmos pela justiça, paz e integridade da Criação. Pois somente assim os pobres terão um futuro digno de ser vivido.

Perguntas:

1. O que significa “ver a história de maneira nova” e “aprender a conhecê-la a partir do ponto de vista das vítimas e de sua resistência?”
2. Quais são as resoluções fundamentais que devemos assumir, quando se trata de uma nova Evangelização?
3. O que podemos, o que devemos fazer como gesto de reconciliação e reparação frente às “vítimas da história”?



Em português:

AA.VV.

Francisco na Ótica Latino-americana, Petrópolis, Sinfrajupe, 1991.

Cayota, M.

Semeando entre brumas, Petrópolis, Cefepal, 1992.

Em alemão e outras línguas:

Baudot, G.

La pugna franciscana por Mexico (México 1990)

Bey, H. von der (edit.)

- *“Auch wir sind Menschen so wie ihr!”* Franziskanische Dokumente des 16. Jahrhunderts zur Eroberung Mexikos (Paderborn 1995)
- Kolumbus in Ketten. Eine Studie zur Beziehung zwischen Kolumbus und den Franziskanern: Wissenschaft und Weisheit 55 1992), 111-124
- Vom kolonialen Gottesexport zur befreienden Mission. Eine franziskanisch orientierte Theologie einer inkulturierten Evangelisierung (Bonn 1996)

Cayota, M.

Siembra entre brumas, Utopia franciscana y Humanismo renascentista: una alternativa a la conquista.

Cortés, H.

Die Eroberung Mexikos. Drei Berichte an Kaiser Karl V. (Frankfurt 1992)

Diaz del Castillo, B.

Die Eroberung von Mexiko (Frankfurt 1992)

Dussel, E.

Von der Erfindung Amerikas zur Entdeckung des Anderen. Ein Projekt

Errasti, M.

- America franciscana I. Evangelizadores e Indigenistas franciscanos del Siglo XVI (CEFEPAL/Chile 1986)
- América franciscana II. Doctrina, Misiones y Misioneros (CEFEPAL/Chile 1990)

Konetzke, R.

Süd- und Mittelamerika. Die Indianerkulturen Altamerikas und die spanisch-portugiesische Kolonialherrschaft (= Fischer Weltgeschichte, Vol. 22) (Frankfurt 1965)

Landa, D. de

Bericht aus Yucatán (Leipzig 1990)

León-Portilla, M.

* Los franciscanos vistos por el hombre náhuatl (UNAM/Mexico 1985)

León-Portilla, M./Heuer, R. (edit.)

Rückkehr der Götter. Die Aufzeichnungen der Azteken über den Untergang ihres Reiches (Frankfurt 1986)

Litterscheid, C.

Aus der Welt der Azteken. Die Chronik des Fray Bernardino de Sahagún (Frankfurt 1990)

Mires, F.

Im Namen des Kreuzes. Der Genozid an den Indianern während der spanischen Eroberung: theologische und politische Diskussion (Fribourg/Brig 1989)

Missionszentrale der Franziskaner e.V. (edit.)

Da série: Berichte-Dokumente-Kommentare:

* Caderno 42: 1992, - Kein Grund zum Feiern. Die Kirche und die Eroberung eines Kontinentes (Bonn 1989)

* Caderno 45: 500 Jahre Indianer Widerstand. Die Indios melden sich zu Wort (Bonn 1990)

* Caderno 48: 1492-1992 (Bonn 1991)

* Caderno 49: 1492-1992, 500 Jahre Gott und Gold (Bonn 1992)

* Caderno 50: Indio-franziskanische Utopien (Bonn 1992)

Phelan, J.L.

The Millennial Kingdom of the Franciscans in the New World Berkley 1970)

Rotzetter, A./ Morschel, R./ Bey, H. von der (edit.)

Von der Conquista zur Theologie der Befreiung. Der franziskanische Traum einer indianischen Kirche (Zurique 1993)

Sievernich, M. e outros (edit.)

Conquista und Evangelisation. Fünfhundert Jahre Orden in Lateinamerika (Mogúncia 1992)

Stephan, J.

Fray Toribio Motolinía und die "geistliche Eroberung" Mexikos: Wissenschaft und Weisheit 58 (1995) 53-115

Strosetzki, C. (edit.)

Der Griff nach der Neuen Welt. Der Untergang der indianischen Kulturen im Spiegel zeitgenössischer Texte (Frankfurt a.M. 1991)

Todorov, T.

Die Eroberung Amerikas. Das Problem der Anderen (Frankfurt 1988)

Wissmann, H.

"Sind doch die Götter auch gestorben." Das Religionsgespräch der Franziskaner mit den Azteken von 1524 (Gütersloh 1981)



Frontispício:

São Francisco, anônimo; escultura em gesso policromo, cerca de 1750, Igreja de São Francisco, Cuzco, Peru

Frontispício interior:

Calendário azteca ou pedra do sol

- p.04:** Ruínas de Machu Picchu. De: Adveniat; Dokumente/Projekte 33, fotografia: K. Herzog, foto presente
- p.05:** *"Estes são os recém encontrados homens ou novos povos..."*, gravura, Leipzig 1505
- p.08:** Desenho de Cerezo Barredo, recorte.
- p.10:** Os selvagens desumanos. Gravura de Dietrich de Bry (1528-1598), para "A viagem ao Brasil", de Jean de Léry
- p.11:** Chegada dos doze religiosos da Ordem do seráfico Pai São Francisco e a primeira cruz que foi erguida. Segundo Miguel León-Portilla, Los Franciscanos vistos por el hombre Náhuatl. Códice de Diego Muñoz Camargo (México 1985)
- p.13:** Um santo irmão franciscano que mostra caridade aos pobres. De: Felipe Gusmán Poma de Ayala, Nueva Crónica y buen gobierno, 3 vols. (Madrid 1987)
- p.14:** Proclamação do Stº Evangelho. Segundo Miguel León-Portilla, Los Franciscanos vistos por el hombre Náhuatl. Códice de Diego Muñoz Camargo (México 1985)
- p.16:** Quetzalcoatl, "a serpente emplumada", deus azteca, protetor dos sacerdotes e da erudição.
- p.17:** Queima pelos franciscanos, das roupas e dos livros, assim como dos adornos idólatras. Segundo Miguel León-Portilla, Los Franciscanos vistos por el hombre Náhuatl. Códice de Diego Muñoz Camargo (México 1985)
- p.18:** "Um carrasco, um sacerdote, dão chicotadas a um homem nú." De: Felipe Gusmán Poma de Ayala, Nueva Crónica y buen gobierno, 3 vols. (Madrid 1987)
- p.19:** Recorte da pintura afresco de Diego Rivera, 1951, Palácio Nacional (México City).
- p.21:** Gráfica de Ursula Hess. De: O. Waegeman, Maiskörner der Liebe (Himmerod 1978)
- p.26:** A adoração. Do Museu Taller Hilario Mendivil, Cuzco, Peru
- p.41:** Motivo de México. KNA-Bild. De: Unsere Optik - der Mensch (Frankfurt 1996)

Para refletir

Oração ao Criador do Inca Pachacútec:



Tu, nosso Criador,
Tu vives
num mundo sem igual
e Tu deste o ser e o valor
a todos os seres humanos,
ao dizer: *"Este seja um homem!"*
e às mulheres:
"Esta seja uma mulher!"

Tu os fizeste, Tu os formaste
e lhes deste a vida.
Guarda e protege-os
Os que tu criaste
e aos quais deste a vida
para que vivam com saúde
e seguros na paz e sem perigo.

Onde estás?
Por acaso moras
nas alturas do céu
ou debaixo da terra
ou nas nuvens e nas tempestades?

Escuta-me, responde-me
e concede-me aquilo que peço:
Dá-nos vida constante,
estende a tua mão
e aceita este sacrifício,
onde quer que estejas,
Tu, nosso Criador."



Para adquirir os cadernos das lições, favor entrar em contato com:



FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 - CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0xx24) 2242-5247 e 2242-1300

FAX (0xx24) 2242-7644

E-mail: ffb@compuland.com.br

Lições já publicadas:

9. A missão franciscana segundo as fontes modernas
10. Unidade de contemplação e missão
11. Decisão por Cristo e amplitude universal
12. Fraternidade universal: Reconciliação com Deus, com o homem e a natureza
13. A missão franciscana e o anúncio da palavra
14. Irmãs e irmãos num mundo secularizado
15. O diálogo com outras religiões: Um caminho franciscano
16. Encontro com os muçulmanos
17. Inculturação, tarefa franciscana
18. O sonho franciscano de uma Igreja ameríndia

Próximas lições a serem publicadas

19. Francisco de Assis e a opção pelos pobres
20. Teologia da Libertação na visão franciscana
- 21a. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte I: O Capitalismo
- 21 b. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte II: O Marxismo
22. “Como homem e mulher Ele os criou” – Um desafio franciscano
23. Empenho franciscano pela Paz
24. Nossa relação com a Ciência e a Técnica
25. A Missão permanente dos franciscanos na Igreja